

O preconceito do Estado no centro do debate

ITAMAR MELO

itamar.melo@zerohora.com.br

O Rio Grande do Sul ganhou notoriedade nacional e até internacional, nas últimas semanas, em razão de atitudes preconceituosas. Manifestações como o racismo no estádio do Grêmio e o ataque motivado pela homofobia em Livramento, entretanto, não chegam a surpreender. Fazem parte de um discurso encontrado nas ruas e nas redes sociais. Pesquisadores avaliam o que esses casos revelam sobre a sociedade gaúcha.

ELIZABETH ZAMBRANO
Psicanalista e doutora em antropologia

IVALDO GEHLEN
Sociólogo

EDILSON ABARRO
Sociólogo da Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS

O RIO GRANDE DO SUL É MAIS PRECONCEITUOSO DO QUE OUTROS ESTADOS?

“Por incrível que pareça, vou dizer que não. Não acho que isso seja especificamente gaúcho. Há até um paradoxo. Temos uma cultura machista, mas nosso Judiciário é o mais avançado do Brasil na proteção de casais homossexuais. O preconceito está em todos os lugares, com intensidade bem grande.”

“Não é que seja mais preconceituoso, mas aqui as posições têm mais visibilidade. O enfrentamento é mais radicalizado. Ao mesmo tempo que temos manifestações de racismo, temos manifestações contra o racismo e contra o preconceito muito fortes. Na questão do racismo, há uma defesa no campo político. Já tivemos governador negro, senador negro.

“Se eu disser que é mais racista, pode se pressupor que o problema não é grave em outros lugares. A violência contra um negro em um mercadinho de Pernambuco tem a mesma gravidade que a cometida contra uma figura pública como o Aranha. Aqui a mobilização de movimentos talvez tenha organização maior, o que dá mais visibilidade ao problema.”

O QUE EPISÓDIOS COMO O RACISMO NO ESTÁDIO DO GRÊMIO E O INCÊNDIO NO CTG DE LIVRAMENTO REVELAM SOBRE NOSSA SOCIEDADE?

“Certa naturalização do preconceito, que existe aqui e no Brasil. Quando gremistas dizem “nos acostumamos a chamar os colorados de macacos desde sempre e isso não é racismo”, nem se dão conta de que é racismo. No caso de Livramento, naturaliza-se que o normal é um casamento hétero.

“Que o racismo e a homofobia fazem parte do cotidiano. Mas a reação foi muito forte nos dois casos. Não houve condescendênciA. A não ser, claro, de quem assume aquelas posições. Isso se chama publicização das posições. As pessoas se manifestam em público. O incêndio foi uma atitude para demonstrar uma posição homofóbica.”

“Um comportamento novo em relação a um tema cuja discussão estava reprimida. É um efeito tardio da negação do preconceito. Os grupos discriminados estão vendo que o protagonismo é possível, e uma série de conflitos estão vindo à tona. Em Livramento, houve protagonismo da juíza. É um comportamento novo.”

O QUE É POSSÍVEL FAZER PARA SUPERAR ESSAS ATITUDES?

“Um dos caminhos que têm mais resultado é a criminalização. Não porque vai mudar o preconceito, o que é muito mais lento. A criminalização auxilia porque visibiliza o delito, mostra que a sociedade não aceita mais o comportamento. No caso do racismo, já é crime. No caso da homossexualidade, não.

“O primeiro caminho é o debate, que está acontecendo. E depois a coerção e a punição têm de ser públicas. E as próprias entidades têm de ajudar nesse campo. Enquanto os CTGs não assumirem uma nova postura em relação ao fato, vai ter homofobia dentro dos CTGs. A coerção não pode vir só do Estado, tem de vir da própria sociedade.”

“Há um conjunto de ações que poderão surtir efeito. Elas dependem da ação ativa das organizações. Não dá para deslocar o problema para quem pratica a discriminação, mas para as organizações onde ela ocorre. Não dá para individualizar a culpabilidade. As responsabilidades têm de ser bem definidas.”